

Resumo: Começando seu artigo, o autor o sintetiza com o título do qual foi merecedor Dom Afonso: “pai do Regional Sul IV”, tal o empenho que ele demonstrou pela sua instalação em janeiro de 1970, com todas as providências anteriores necessárias. A seguir, o autor sintetiza as 16 assembleias da CNBB no Estado, das quais Dom Afonso participou como Presidente, isto é, desde 1970 até 1986. Fala das características de Dom Afonso como “pai e companheiro”, incluindo alguns detalhes pitorescos da convivência com ele.

Abstract: At the beginning, the author synthesizes his article in his title attributing to Don Afonso the well deserved appellation as the “father of Regional South IV”. In fact he was eager to get it implanted in January of 1970 after all kinds of provision have been taken care of. In the sequel, the author makes a brief synthesis of all 16 assemblies of CNBB held in the State which Don Afonso presided from 1970 till 1986. He singles out his personality as “father and companion”, adding some picturesque details of his lifestyle.

Dom Afonso Niehues e o Regional Sul IV

*Elias Della Giustina**

* O autor, presbítero da diocese de Tubarão, é Mestre em Teologia Pastoral pela Universidade Lateranense, Roma, e pároco de Santa Otília, em Orleans, SC.



Dom Afonso Niehues, “pai do Regional Sul IV”, escreve o historiador Pe. José A. Besen. Parece exagero, mas, pensando bem, acabei concordando. Pe. Besen tem razão, porque foi Dom Afonso quem sugeriu a criação do Regional, ajudou organizá-lo, ofereceu os espaços físicos da Arquidiocese para o seu início, colocou à disposição pessoas e ficou à frente, como Presidente, por 16 anos. O Regional Sul IV foi instalado em janeiro de 1970. Nessa época, a Igreja e a sociedade passavam por um período de turbulências. É o que se constata pelos temas e assuntos tratados nas reuniões e assembleias do próprio Regional Sul IV, como vamos ver.

Dom Afonso tinha uma nobre e discreta postura nas assembleias e reuniões, quase prussiana. Metódico, de hábitos repetitivos, falava pouco e de maneira ponderada, nas assembleias revelava-se com grande senso democrático, respeitoso, atento para ouvir e cauteloso no falar. Sentava-se na primeira fileira das cadeiras, nunca na cadeira presidencial na mesa à frente. Não havia constituição da mesa da presidência, com aquele cerimonial de chamada e constituição da presidência dos trabalhos. Ele preferia aquele modelo de “estar com” do que o “estar para”. Levantava-se da sua cadeira e voltado para o público cumprimentava os seus irmãos bispos e demais presentes, abria a assembleia, invocava proteção divina, passava a palavra para o subsecretário dirigir os trabalhos, previamente organizados, sentava-se e escutava a todos, sem nenhum cochilo ou comentário. De vez em quando emitia seu parecer ou opinião. Sua palavra era mais uma dentre as tantas palavras dos participantes. No final da assembleia, levantava-se e, voltado para o público, agradecia os colaboradores e os assessores dos temas, e encerrava a assembleia.

Como subsecretário do Regional Sul IV, convivi apenas um ano com Dom Afonso. Sou padre da Diocese de Tubarão. Estava em Braço do Norte, na Paróquia Nosso Senhor do Bomfim, quando recebi um telefonema. “Aqui é Dom Afonso.” – Dom Afonso? – respondi eu, surpreso. “Sim, e preciso falar com você”. – Estou à sua disposição – respondi. “Preciso de você para subsecretário do Regional. Você sabe que o Pe. Pacífico D’Agostin está doente e teve de afastar-se para tratamento. E você foi indicado e tem condições de substituí-lo.” Fiquei atônito, parado, sem o que dizer. Ele continuou: “Podemos contar com você para início de fevereiro próximo?” Gaguejando, sem completar bem a frase, respondi: – Mas, Dom Afonso, estou apenas há ano e meio aqui em Braço do Norte, gosto daqui que é minha terra natal, estou muito bem... O que dirá o meu Bispo?” – “Já falei com Dom Osório. Foi ele quem sugeriu



telefonar e ter esta conversa com você”. E, continuou em tom quase de brincadeira: “Se for preciso, iremos todos nós, bispos do Estado, a Braço do Norte, para o convencer e dar satisfação ao povo”. Dom Osório Bebber me confirmou para essa missão em nome da Diocese de Tubarão. Me disse que Tubarão pode e deve abrir-se à missão. Foi com essa atitude missionária que aceitei o desafio. Em fevereiro de 1986 assumi a secretaria da CNBB Regional Sul IV. Dom Afonso me ofereceu um quarto na residência no Palácio Episcopal, à rua Esteves Junior. A sede do Regional era um pequeno sobrado na rua Arno Hoeschel, próximo do arcebispado.

A instalação do Regional Sul IV

Em 1969, no dia 18 de março, houve o 1º Encontro do Episcopado Catarinense e Superiores Provinciais de Santa Catarina, no Provilado das Irmãs da Divina Providência, em Florianópolis. Foram dois dias de encontro. Os seis bispos do Estado estavam presentes, mais 8 Superiores Provinciais. Nessa reunião, dentre outros assuntos, Dom Afonso abordou a possibilidade da criação de um regional para Santa Catarina, desmembrando o Regional Sul 3 que compreendia os estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. O Paraná era um Regional, o Sul 2. Santa Catarina já podia ser um Regional. As reuniões do Sul 3 se tornavam cansativas e distantes. Santa Catarina tem cultura e vida muito distintas dos gaúchos. Houve manifestação geral de aprovação da ideia. Iguamente previu-se a possibilidade duma Regional da CRB¹.

Foi no dia 29 de julho de 1969 que os Bispos de Santa Catarina escreveram a Dom Agnello Rossi, presidente da CNBB, solicitando a criação de um Regional próprio da CNBB para Santa Catarina, a partir de janeiro de 1970, desmembrando-se do Regional Sul 3. Em carta, justificam o pedido: “Reconhecemos sem qualquer restrição o grande impulso que recebeu nossa ação pastoral do Regional Sul 3. Anima-nos, porém, nesta tomada de posição, a vontade de desenvolver uma pastoral adaptada às circunstâncias específicas do Estado, capaz de contribuir positivamente para a integração na pastoral de conjunto de nossas respectivas dioceses”². A aprovação foi concedida por correspondência do então secretário geral da CNBB, Dom Aloisio Lorscheider, no dia 28 de setembro de 1969,

¹ 1º livro de atas, pg. 6.

² 1º livro de atas, pg. 7.



dando o nome ao novo regional de “Regional Sul IV”. Faltava apenas a homologação estatutária da próxima Assembléia Geral da CNBB.

Enfim, no dia 02 de janeiro de 1970, foi solenemente instalado em Florianópolis o Regional Sul IV da CNBB. Estavam presentes Dom Jaime de Barros Câmara, Cardeal-Arcebispo do Rio Janeiro, Dom Afonso Niehues, Arcebispo de Florianópolis, Dom Anselmo Pietrulla, Bispo de Tubarão, Dom Gregório Warmeling, Bispo de Joinville, Dom Honorato Piazzera, Bispo de Lages, Dom Wilson Laus Schmidt, Bispo Emérito de Chapecó, Dom José Gomes, Bispo de Chapecó, o secretário da Nunciatura Apostólica, Dom Cirilo Gomes, Secretário do Leste I, Pe. Luis Colussi, Secretário e representante dos Bispos do Regional Sul 3, os Coordenadores de Pastoral das 6 dioceses de S. Catarina, e representantes dos Presbíteros, Religiosos e Religiosas e Leigos³. Dom Tito Buss foi designado para lavrar a ata de instalação. Dom Afonso foi eleito secretário geral do novo Regional. Na época, a CNBB previa um Secretário à frente dos Regionais. Mais tarde houve alteração no Estatuto, e os regionais passaram a ter um Presidente à sua frente. Como primeiro Secretário eleito do Regional Sul IV, Dom Afonso usou da palavra, prometendo empenhar-se pelo novo Regional, que nasce humilde, desejando que “dê passos concretos”. Disse que todas as dioceses estão em pé de igualdade no novo Regional, e que a Arquidiocese oferece um prédio na Praça Getúlio Vargas para a sede. Para subsecretário ofereceu pessoas da coordenação de Pastoral da Arquidiocese: Pe. Osmar Mueller, subsecretário e Ir. Célia Cadorim e pessoas que auxiliam na secretária.

As 16 Assembléias da CNBB de Santa Catarina que Dom Afonso presidiu

Em 31 de março de 1970, em Lages, os Bispos de Santa Catarina e os Coordenadores de Pastoral participaram de um treinamento em Criatividade Comunitária, com o mentor e pai do movimento Waldemar de Grégori. Nessa ocasião ficou decidida a aplicação desse método na pastoral de Santa Catarina⁴. De fato, o movimento da Criatividade Comunitária marcou os anos iniciais do novo Regional. De 14 a 16 de setembro de 1970, a 1ª Assembléia do Regional Sul IV. Pauta extensa e muitos encaminhamentos. Dentre os assuntos, um treinamento mais

³ Livro de atas nº 1, pg. 8.

⁴ Livro de atas nº 1, pg.10.



aprofundado da Criatividade Comunitária, para os Bispos, Coordenadores de Pastoral e lideranças. Optando pelo método era necessário conhecê-lo, ter linguagem comum, para aplicá-lo. A 2ª Assembléia Geral foi nos dias 13 a 17 de abril de 1971. O Professor Waldemar de Grégori propôs instrumentos técnicos para realizar a evangelização e um globograma comum. Nessa assembleia transpareceu a falta de clareza sobre a Comunidade Eclesial de Base. Ficou decidido, também, oferecer um Curso de Teologia em Santa Catarina, que deveria ter início em 1973. E foi designada uma Comissão para organizar o curso: Dom Tito Buss, Pe. Paulo Bratti, Pe. Aquilino, Pe. Osmar Mueller e Pe. Eloy Guella (jesuíta do Colégio Catarinense). Em um momento dessa assembleia esteve presente o Governador do Estado, Dr. Colombo M. Sales. Em agosto desse mesmo ano, 1971, dia 25, os bispos e a comissão Pró-Teologia realizaram um encontro para estudo do projeto e a aplicação do Curso de Teologia em Santa Catarina. O curso terá início em março de 1973, em Florianópolis, junto à Universidade Federal. Nesse mesmo ano, encerram-se os estudos de Filosofia e Teologia, no “Paulinum”, em Curitiba.

Em 8 de junho de 1971, Dom Afonso participa da reunião da Presidência da CNBB, na sede da Conferência, no Rio de Janeiro. O objetivo era fundar Departamentos que funcionariam nos vários Regionais da CNBB. Dom Afonso foi escolhido para o Departamento Vocacional, responsável pelos Seminários em nível nacional. A 3ª Assembléia Geral do Regional aconteceu em 10 a 14 de abril de 1972. Com a assessoria de Waldemar de Grégori, a assembleia tinha tríplice objetivo: aprofundamento técnico-teológico(1), revisão da pastoral(2) e planejamento dos trabalhos para 1972(3). Nessa ocasião, Pe. Osmar Müller apresentou um esboço de Diretrizes para o Regional Sul IV, que foi examinado e aprovado. A 4ª Assembléia Geral do Regional aconteceu em 12 a 14 de outubro de 1972 e tinha na pauta: todas as Dioceses apresentam uma avaliação pastoral, apresentação da realidade catarinense, estudo e análise da metodologia comunitária em nossa pastoral, planejamento e cronograma para 1973, preparação do encontro CNBB-CRB, dentre outros. No planejamento do Sul IV para 1973, constavam linhas em vista de criar condições para a formação de igrejas vivas, com ênfase na formação de lideranças. Foram criados os projetos: curso de renovação teológica, inserção das religiosas na pastoral, catecumenato, vocações, educação religiosa escolar, pastoral familiar, juventude, inserção dos movimentos, meios de comunicação, pastorais específicas.



A 5ª Assembléia Geral aconteceu em 15 a 19 de outubro de 1973. O objetivo era conhecimento da realidade, revisão dos trabalhos e planejamento para 1974. Dedicou-se bastante tempo para a “Realidade catari-nense”, através do método ver, julgar e agir, conduzida pelo Pe. Osmar Mueller. Desse estudo concluiu-se: “que o Regional opta por uma linha de pastoral que insista mais na realidade global; assumimos o método pastoral como processo histórico na linha educativa e de mentalização; assumimos o compromisso de solidariedade; superação de dicotomias; começar por uma sempre renovada conversão de nossos agentes de pastoral”⁵. A assembleia aceitou fazer parte do Conselho Interconfessional para a Educação Religiosa Escolar, CIER, na elaboração dos roteiros e o esboço do Decreto para a Educação Religiosa. Também foi decidido criar o “Projeto Igrejas Irmãs, Santa Catarina – Bahia”. Ficou decidido que em 1974 se realizaria o curso de Renovação Teológica para todos os presbíteros de Santa Catarina. Fez-se um cronograma de cursos para as dioceses, os locais e os professores. A teologia do Concílio Vaticano II precisava ser aplicada.

De 28 a 31 de janeiro de 1974, numa reunião extraordinário dos Bispos do Regional Sul IV, formou-se uma comissão para providenciar um espaço para os novos alunos do Curso de Teologia no ano seguinte. Também, assuntos da Nunciatura Apostólica e a eleição dos delegados do Brasil para o Sínodo. A 6ª Assembléia Geral aconteceu em 14 a 18 de outubro de 1974. Tinha como objetivo: fotografar a realidade do Regional conferindo os pontos de apoio e de resistência, confrontar a ação pastoral com a realidade e a missão da Igreja, clarear pistas de ação pastoral, estabelecer diretrizes pastorais para o próximo quinquênio, a montagem dos planos pastorais, revitalizar a crença de que a ação pastoral se estabelece pela densidade da comunicação dos agentes, assumir a corresponsabilidade, integração com o nacional, fazer experiência de uma igreja regional “reunida e unida”⁶. Em 8 de abril de 1975, nova reunião extraordinária dos Bispos de Santa Catarina. Dentre os assuntos: aprovação eclesial dos livros de Pascoalização (um ramo da Criatividade Comunitária) do Pe. Otávio Ritter, as confissões nas dioceses, a aprovação de uma planta para o prédio do Instituto de Teologia, reimpressão do livro do CIER, indicação de outro padre para formar a equipe de secretaria do Regional,

⁵ 1º livro de atas, pg. 30.

⁶ 1º livro de atas, pg.35v – 44.



preparação e manutenção dos Voluntários para o Projeto Igrejas Irmãs, e assuntos relacionado ao ITESC, recém instalado.

Na 7ª Assembléia Geral, que aconteceu em 27 a 31 de outubro de 1975, Dom Afonso abriu os trabalhos saudando a todos e enfocou a necessidade da busca de caminhos e entrosamento no plano regional, para se ter um resultado efetivo. Foi acolhido, nesta assembleia, Dom Henrique Mueller, bispo da nova Diocese de Joaçaba, recém instalada. Frei Armino Festa, novo Subsecretário, conduziu os trabalhos. A 8ª Assembléia Geral aconteceu em 25 a 28 de outubro de 1976. Estive presente nesta assembleia pela coordenação de pastoral de Tubarão. Dom Afonso enfocou a importância da assembleia pela caminhada feita e pela redefinição das linhas de ação. As dioceses apresentaram o seu relatório enfocando o curso de atualização teológica dos presbíteros. Com ótimo resultado, foram atingidos mais de 80% dos padres. Dom Tito apresentou o tema “Ministérios eclesiais”, enfocando os ministérios leigos. Discutiu-se o funcionamento e a manutenção do Secretariado do Regional Sul IV, o Projeto Igrejas Irmãs, a Pastoral Indígena. Dom Afonso apresentou aos Bispos o projeto de celebração do Cinquentenário da Província Eclesiástica de S. Catarina, no próximo ano de 1977.

A 9ª Assembléia Geral aconteceu em 24 a 28 de outubro de 1977. Foi em Chapecó, e eu também estava presente. Dom Afonso expressou sua satisfação por estarmos reunidos, dando as boas vindas a todos, especialmente ao Pe. Juan Luis Segundo, jesuíta do Uruguai, que veio nos assessorar. O tema de estudos foi “As Cebis”. Foram dois dias intensos de estudo, com palestras e trabalhos de grupos. Concluindo, Dom Afonso pediu aos Bispos uma decisão sobre as Cebis, diocese por diocese. Todas as dioceses assumiram esta prioridade, como prioridade número 1 do Regional. As palavras finais foram de Dom José Gomes: “O que se vê aqui é um atestado de compromisso e vontade de levar adiante o processo”⁷. A 10ª Assembléia Geral aconteceu em 6 a 10 de outubro de 1978. Foi em Lages, e também eu estava presente pela Diocese de Tubarão. Dom Afonso abriu os trabalhos, lembrando a finalidade da Assembléia que, além de revisar e atualizar a ação pastoral, devia aprofundar o tema “CEBS e Teologia da Libertação”. Mons. Valentim Loch, novo Subsecretário, foi quem dirigiu a assembleia. O Pe. Francisco Taborda, Jesuíta de Belo Horizonte, apresentou com profundidade a temática e agradou a todos.

⁷ 1º livro de atas, pg. 62.



A 11ª Assembléia Geral aconteceu em 22 a 26 de outubro de 1979. Mons. Valentim dirigiu os trabalhos, salientando a finalidade: “aprofundar a evangelização libertadora, avaliar em que e com que espírito está acontecendo a Igreja em SC, reorganizar o funcionamento do Regional, planejar a ação pastoral para 1980”⁸. Os dias 23 e 24 de outubro foram dedicados ao aprofundamento do tema “Evangelização Libertadora”, com o teólogo Hugo Paiva, de Nova Iguaçu (RJ). A 12ª Assembléia Geral aconteceu em 28 a 30 de novembro de 1980. Dom Afonso enfatizou a presença dos leigos e a nova modalidade da nossa assembleia, que se caracterizará não como estudos, mas como revisão das atividades pastorais. Em síntese: reunir-se, refletir, buscar pistas e planejar. Mons. Valentim dirigiu os trabalhos. Pe. Andreas Wiggers foi nomeado secretário *ad hoc*. Dom José Gomes falou sobre “O Reino e a opção pelos pobres”. Houve eleição para a Presidência do Regional e Dom Afonso foi reconduzido no cargo, ficando: Dom Afonso como presidente, Dom Anselmo como Vice e Dom Osório como secretário.

A 13ª Assembléia Geral aconteceu em 27 a 29 de novembro de 1981. Dom Afonso, abrindo os trabalhos, falou: “Queremos rever a nossa caminhada, apresentando fatos relevantes. Não temos dúvida de que há desafios. Esteve presente nessa assembleia como assessor o Pe. Raimundo José Soares, que aprofundou a temática do Mundo Operário no Brasil. Tratou-se ainda do CIER, ITESC, Comissão da pastoral Operária, Diaconato Permanente, CPT, Pastoral Pesqueira, CRB. Foi apresentado à assembleia um documento intitulado “A igreja em SC e a conjuntura sócio-política”⁹. A 14ª Assembléia Geral aconteceu em 26 a 28 de novembro de 1982. Dom Afonso, na acolhida, apelou “para que a participação seja franca e espontânea, e que desta assembleia surja mais luz para as 8 dioceses do Estado. Sejam todos participantes e participativos”. Esta assembleia teve a assessoria do leigo Paulo Fernando Carneiro de Andrade, do Ceris (RJ). No final da assembleia, Dom Afonso anunciou o novo Subsecretário, Pe. Pacífico D’Agostin. Foi enviada uma carta de apoio aos padres franceses Francisco e Aristides, presos em Belém do Pará, assinada por todos os bispos e os 55 participantes. Na carta de três páginas afirmam: “Não são vocês que serão julgados, em vocês será julgada a caminhada da Igreja de opção pelos pobres e oprimidos; em vocês serão julgados todos os posseiros do Brasil que resistem para não ficarem

⁸ 1º livro de atas, p. 70.

⁹ 1º livro de atas, pg. 85.



sem chão e os milhões de sem terra que lutam por terra onde possam viver e trabalhar; em vocês, Jesus Cristo é quem será julgado”¹⁰. Também foi enviado, pela assembleia, uma carta de solidariedade a Dom Afonso Niehues e Dom Osório Bebber por serem vítimas de assalto violento às suas residências no último mês de setembro. “Características desses assaltos levam à certeza de que não se trata de crime comum. Trata-se de ação terrorista que se acrescenta às já ocorridas por este país”¹¹.

A 15ª Assembléia Geral aconteceu em 25 a 27 de novembro de 1983. Dom Gregório Warmeling desenvolveu o tema “A missão da Igreja”. Dom Osório apresentou as Diretrizes Gerais da CNBB. Dom Orlando Dotti falou sobre a Comissão Pastoral da Terra. Darci Pasqualotto aprofundou a Política agrária e agrícola do país. Analisou-se também a questão agrária em SC. A 16ª Assembléia Geral aconteceu em 16 a 18 de novembro de 1984. Dom Afonso expôs os objetivos da assembleia e a prioridade dos jovens. A Pastoral da Juventude foi o tema principal da assembleia, sob a responsabilidade da Diocese de Rio do Sul. Cada diocese fez o seu relato e suas experiências com a juventude. A 17ª Assembléia Geral aconteceu em 16 a 18 de novembro de 1985. Tema: O mundo operário. Cada Diocese apresentou o seu relatório anual com dados estatísticos sobre a questão operária. Foi apresentada a Pastoral Operária, por João Fachini, assessor regional. No final foi escolhido um novo assessor, Mário Cachinski, da Diocese de Caçador.

A 18ª Assembléia Geral do Regional aconteceu em 07 a 09 de novembro de 1986. Pe. Elias Della Giustina era o novo subsecretário, substituindo Pe. Pacífico. Foram temas desta assembleia: Catequese e avaliação do Regional. Fr. Bernardo Cansi, assessor da linha 3 da CNBB, foi o assessor e apresentou a “Catequese Renovada”. No final dessa assembleia Dom Afonso agradeceu e deu ênfase à unidade do Regional e aos passos importantes dados desde a sua fundação. Como Presidente havia 16 anos, fez publicamente a entrega do cargo. Pediu que os Bispos elegeassem um novo Presidente. Logo após a Assembléia, os Bispos se reuniram e escolheram Dom Oneres Marchiori para Presidente do Regional Sul IV. Encerravam-se os 16 anos de Presidência de Dom Afonso. No período em que foi Arcebispo, a Província Eclesiástica de Santa Catarina foi acrescida de três Dioceses: Rio do Sul, Caçador e Joaçaba. Dom Afonso foi Secretário Nacional na CNBB para os Seminários. Em

¹⁰ 2º livro de atas, pg. 12.

¹¹ Ibid., pg. 12v.



1979 foi eleito pelos bispos do Brasil como um dos representantes do Episcopado na Conferência de Puebla, no México.

Pai e companheiro

Convivi com Dom Afonso por diversos anos, na mesma casa que me ofereceu para residência em Florianópolis. No dia em que ele se retirou da casa, deixando o espaço para o novo Arcebispo, Dom Eusébio, em 1990, eu também deixei a casa e fui morar nas dependências do Regional na rua Arno Hoeschel, fazendo ali uma residência improvisada. Não queria ser um estorvo para o novo Arcebispo. Quem não lembra da inseparável sopa das 18h00? Em seguida vinha o café com mistura. Era a sua janta. Depois da janta, a caminhada que fazia no pátio do palácio, ao redor da casa. Quando tinha companhia, fazia a dois; quando não, andava só, recitando o terço. Certa vez, a Erma e a Lindamir, funcionárias do Regional, foram fazer companhia para Dom Afonso em férias. A preocupação delas era a alimentação, a tal sopa das 18h00, que Dom Afonso não dispensava. Levaram várias receitas de sopa, e acabaram esquecendo alguns pertences para os dias de praia.

Mesmo não sendo mais Presidente do Regional, Dom Afonso continuava ativo na organização. Era Presidente da Fundação Dom Jaime, acompanhava o ITESC, era bispo referencial das Vocações e dos Presbíteros. Participava das reuniões que aconteciam em rodízio pelas cidades do Estado. Também nas assembleias da CNBB nacional e em encontros nacionais. Quantas viagens a Itaici (SP), para as Assembleias da CNBB, para os Encontros dos Presbíteros e outros encontros nacionais! Quase fui motorista de Dom Afonso nestas viagens. O carro era sempre o dele. Na véspera mandava deixar o carro em dia, revisado, abastecido, limpo e em ordem. Gostava de sair bem cedo, pelas 04 horas da manhã. A parada era sempre no mesmo posto na saída de Curitiba. Durante a viagem, conferia a velocidade e o relógio. “Vimos bem. Vimos em tantas horas e tantos minutos”, era uma expressão sua na chegada do posto. O abastecimento, e o lanche de todos os caroneiros, era por conta dele. Era muito bom e divertido viajar com Dom Afonso, bom assunto, muitas histórias, muita recordação de cada cidade por onde passávamos. Nas viagens, Dom Afonso tinha os locais para o lanche. Quando íamos para Lages, via Vale do Itajaí, parada obrigatória numa lanchonete perto de Rio do Sul. Ali, tomava um suco de laranja. Quando por Alfredo Wagner, a parada era no Posto recém inaugurado, junto ao



trevo de Urubici. Pela BR 282, trajeto Lages-Florianópolis, inaugurada no final da década de 70, Dom Afonso conhecia todas as comunidades por onde passávamos. De cada uma delas tinha alguma estória para contar. Recordava pormenores de suas visitas a essas comunidades. E vinham para fora “muitos causos”.

Contou que um dia deu carona para um senhor, de Lages para o interior. Esse pobre homem não o reconheceria mesmo vendo a batina. Não tinha estado perto de um Bispo. Conversaram durante a viagem, responderam a muitas perguntas. Quando o homem fez sinal que queria descer, Dom Afonso parou o jipe, despediu-se e mandou lembranças para a mulher e os filhos. E o homem, gentilmente agradecido respondeu: E, o Senhor também, dê lembranças pra bispa e pros bispinhos. Ao que Dom Afonso retrucou: “Esta é grande. Você não sabe que padre não casa?” “Saber eu sabia, disse o homem, mas é que eu estava distraído”... Outra vez, indo a Caçador num desses Encontros Regionais, passamos por Santa Cecília. Dom Afonso disse: Aqui tem um lugar que se chama “Buraco do Bispo”. E é por minha causa. É que numa noite, vindo de uma comunidade do interior com o padre da paróquia de Santa Cecília, tinha uma porteira para abrir. Eu me prontifiquei a descer do carro e abri-la, a contragosto do padre. Com os faróis iluminando, era fácil de abrir. Quando o carro passou, tudo ficou escuro e eu dei um passo em falso, prendendo as pernas num mata-burro ao lado. O padre apavorado veio em meu socorro, me ajudou, e saí sem problemas e sem nenhum arranhão. No jipe percebi que estava sem o anel de bispo. Havia caído no mata-burro. Foi preciso uma lanterna para encontrá-lo. Daí o “buraco do bispo”.

Endereço do Autor:

Paróquia Santa Otília
Rua Aristiliano ramos, 95
88879-000 Orleans, SC
E-mail: eliasdg@hotmail.com